



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

REBECA ALVES SOUZA

**VACINA CONTRA O HPV: CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICAS DE
ADOLESCENTES**

**CAMPINA GRANDE
2023**

REBECA ALVES SOUZA

VACINA CONTRA O HPV: CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICAS DE ADOLESCENTES

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Área de concentração: Saúde Coletiva.

Orientadora: Profa. Dra. Lara Caline Santos Lira.

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729v Souza, Rebeca Alves.
Vacina contra o HPV [manuscrito] : Conhecimentos, atitudes e práticas de adolescentes / Rebeca Alves Souza. - 2023.
34 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Profa. Dra. Lara Caline Santos Lira, Departamento de Enfermagem - CCBS."

1. Papilomavírus humano. 2. HPV. 3. Vacinação. I. Título
21. ed. CDD 615.372

REBECA ALVES SOUZA

VACINA CONTRA O HPV: CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICAS DE
ADOLESCENTES.

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
em Enfermagem da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Enfermagem.

Área de concentração: Saúde Coletiva.

Aprovada em: 22/11/2023.

BANCA EXAMINADORA

Lara Caline Santos Lira

Profa. Dra. Lara Caline Santos Lira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - Orientadora

Fabíola de Araújo Leite Medeiros

Profa. Dra. Fabíola de Araújo Leite Medeiros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Examinadora Interna

Thaíse Alves Bezerra

Profa. Dra. Thaíse Alves Bezerra
Universidade de Pernambuco (UPE)- Examinadora Externa

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Estratégias de busca dos estudos nas bases de dados. Campina Grande, PB, Brasil, 2023.....	13
Quadro 2- Estratégia PICo para formulação da questão de pesquisa. Campina Grande, PB, Brasil, 2023.....	13
Quadro 3- Caracterização dos estudos que compõem a amostra final. Campina Grande, PB, Brasil, 2023.....	17

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACS	Agentes Comunitários de Saúde
APS	Atenção Primária à Saúde
CCU	Câncer do colo do útero
CAP	Conhecimento, Atitude e Prática
DIP	Doença Inflamatória Pélvica
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
HPV	Papilomavírus Humano
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNS	Pesquisa Nacional de Saúde
PNI	Programa Nacional de Imunizações
PSE	Programa Saúde na Escola
SIM	Sistema de Informações sobre Mortalidade
SUS	Sistema Único de Saúde
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
UBS	Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	REFERENCIAL TEÓRICO	09
2.1	HPV: Aspectos gerais	09
2.2	A vacina papilomavírus humano	11
2.3	Inquérito Conhecimento, Atitude e Prática (CAP)	12
3	METODOLOGIA	12
4	RESULTADOS	15
5	DISCUSSÃO	23
5.1	Conhecimento dos adolescentes e suas variáveis	23
5.2	Atitudes e práticas dos adolescentes acerca da vacinação	24
5.3	Entraves que implicam na adesão à vacinação	25
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	28

VACINA CONTRA O HPV: CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICAS DE ADOLESCENTES

HPV VACCINE: KNOWLEDGE, ATTITUDES AND PRACTICES OF ADOLESCENTS

Rebeca Alves Souza¹

RESUMO

Objetivo: Analisar os conhecimentos, atitudes e práticas entre os adolescentes relacionados à vacina contra o papilomavírus humano (HPV). Buscou, também, identificar os entraves que intensificam a não adesão às campanhas de vacinação. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, na qual a questão norteadora foi construída com base na estratégia PICO em que o P se refere aos adolescentes, I aos conhecimentos, atitudes e práticas e o Co a vacinação. Salienta-se que a categorização e análise dos dados foi feita com base no inquérito CAP, distribuindo a discussão em Conhecimento, Atitude e Prática. A estratégia de busca baseou-se nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Medical Subject Headings (MeSH) nas línguas portuguesa e inglesa: “Conhecimentos, Atitudes e Prática em Saúde”, “Adolescente”, “Papillomavirus Humano”, “Health Knowledge, Attitudes, Practice”, “Adolescent” e “Human Papillomavirus Viruses” combinados em si com o operador booleano AND. A busca bibliográfica foi realizada em março de 2023 e revelou um quantitativo de 1.576 artigos, no entanto após empregados os seguintes critérios de inclusão: estudos primários relacionados à temática encontrados nos idiomas português, inglês e espanhol com delimitação temporal dos últimos cinco anos. Bem como os critérios de exclusão: artigos duplicados, dissertação, tese, livro ou capítulo de livro, anais de eventos, editorial, ou outro estudo que se configure como literatura cinzenta, assim como as revisões da literatura. A amostra findou-se sendo composta um por um total de 15 artigos. **Resultados:** Os estudos ressaltam de forma predominante o baixo conhecimento dos adolescentes acerca da temática, visto que grande parte dos entrevistados dos estudos não demonstraram instrução suficiente sobre a transmissão, prevenção, sintomatologia e as consequências do HPV. Apesar da insuficiência no grau de conhecimento, demonstra-se uma atitude positiva relacionada à vacina e anseiam por mais informações que de acordo com 100% dos artigos devem ser oriundas de campanhas e intervenções educativas. **Conclusão:** Evidencia-se que as políticas em saúde devem abranger ambos os gêneros e seus respectivos responsáveis, além de integrar os professores e profissionais da saúde. A criação de vínculos e a discussão precoce sobre a temática faz com que ambos os grupos se sintam mais seguros do conhecimento adquirido e consecutivamente tomem uma decisão favorável sobre a vacina, promovendo a implementação bem-sucedida do programa de vacinação.

Palavras-Chave: conhecimentos; atitudes e prática em saúde; adolescente; papilomavírus humano.

¹ Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: rebecasouzarb1123@gmail.com

ABSTRACT

Objective: To analyze knowledge, attitudes and practices among adolescents related to the human papillomavirus (HPV) vaccine. It also sought to identify the obstacles that increase non-adherence to vaccination campaigns. **Method:** This is an integrative literature review, in which the guiding question was constructed based on the PICO strategy in which P refers to adolescents, I to knowledge, attitudes and practices and Co to vaccination. It should be noted that the categorization and analysis of the data was based on the CAP survey, distributing the discussion into Knowledge, Attitude and Practice. The search strategy was based on the Health Sciences Descriptors (DeCS) and Medical Subject Headings (MeSH) in Portuguese and English: “Knowledge, Attitudes and Practice in Health”, “Adolescent”, “Human Papillomavirus”, “Health Knowledge, Attitudes, Practice”, “Adolescent” and “Human Papillomavirus Viruses” combined with the Boolean operator AND. The bibliographic search was carried out in March 2023 and revealed a quantity of 1,576 articles, however, after using the following inclusion criteria: primary studies related to the theme found in Portuguese, English and Spanish with a temporal delimitation of the last five years. As well as the exclusion criteria: duplicate articles, dissertation, thesis, book or book chapter, event annals, editorial, or other study that is classified as gray literature, as well as literature reviews. The sample ended up being composed of a total of 15 articles. **Results:** The studies predominantly highlight the low knowledge of adolescents on the subject, since a large proportion of those interviewed in the studies did not demonstrate sufficient education on the transmission, prevention, symptoms and consequences of HPV. Despite the insufficient level of knowledge, a positive attitude towards the vaccine is demonstrated and they yearn for more information, which according to 100% of the articles must come from educational campaigns and interventions. **Conclusion:** It is evident that health policies must cover both genders and their respective guardians, in addition to integrating teachers and health professionals. The creation of bonds and early discussion on the topic makes both groups feel more confident in the knowledge acquired and subsequently make a favorable decision about the vaccine, promoting the successful implementation of the vaccination program.

Keywords: health knowledge; attitudes; practice; adolescent; human papillomavirus viruses.

1 INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) antigamente denominadas de doenças venéreas, e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), são infecções causadas por diversos agentes etiológicos como os vírus, bactérias ou outros microrganismos. Sua transmissão acontece principalmente pelo contato sexual (oral, vaginal, anal) entre pessoas sexualmente ativas, que não fazem o uso de camisinha ou que tenham os patógenos (Brasil, 2015).

É importante frisar que a transmissão de uma IST pode ocorrer da mãe para a criança, durante o processo de gestação, parto ou amamentação. Menos comumente, essa transmissão pode acontecer de forma não sexual, por meio do contato da pele não íntegra ou mucosas com secreções corporais contaminadas. Essa patologia pode apresentar-se em forma de úlceras genitais, Doença Inflamatória Pélvica (DIP), corrimento uretral e corrimento vaginal (Brasil, 2015).

As ISTs são consideradas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como uma das causas mais comuns para o desenvolvimento de doenças e podem ser consideradas um problema de saúde pública em nível mundial, devido aos índices crescentes de pessoas

infectadas, a dificuldade no diagnóstico e tratamento precoce das mesmas, as suas consequências (sexuais, reprodutivas e materno fetal), além das vastas implicações no contexto socioeconômico e psicológico do paciente (Alves; Aguiar, 2020).

Segundo estimativa da OMS, surgem diariamente mais de um milhão de novos casos no mundo de pessoas entre 15 a 49 anos, acometidas com algum tipo de IST. Isso significa que anualmente, o equivalente a 376 milhões de pessoas adquirem uma das IST curáveis - clamídia, gonorreia, sífilis e tricomoníase (OPAS, 2019).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde (MS) apontam, através do módulo da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) publicado no ano de 2019, que aproximadamente 1 milhão de pessoas declaram ter sido diagnosticadas com algum tipo de IST ao longo do ano, o que equivale a 0,6% da população com 18 anos de idade ou mais infectadas por determinado tipo de patógeno sexualmente transmissível (Brasil, 2022a).

No Brasil, cerca de 2.977 pessoas foram internadas nos leitos do Sistema Único de Saúde (SUS) entre o período de agosto de 2021 a agosto de 2023, com o diagnóstico “outras infecções com transmissão predominantemente sexual”. Dessa forma, tal achado só reforça a ideia de que as ISTs estão entre os principais problemas de saúde de maior repercussão no Sistema Único de Saúde (SUS) e na qualidade de vida da população brasileira, considerando sua prevalência cosmopolita e significativa (Brasil, 2022a; Brasil, 2023a).

No ano de 2008, o MS publicou um estudo intitulado “Prevalências e frequências relativas de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) em populações selecionadas de seis capitais brasileiras, 2005”, a fim de apresentar dados epidemiológicos essenciais para avaliar os casos de IST no país. Os resultados apontam a prevalência global das IST curáveis, que equivalem cerca de 9,4% para a infecção por clamídia, 2,6% para sífilis e 1,5% para a infecção gonocócica. Salienta-se, a elevada prevalência da infecção pelo papilomavírus Humano (HPV) com índices de 40,4%, sobretudo para os tipos mais associados com o câncer de colo de útero, com um total de 33,5% (Brasil, 2008).

A infecção pelo HPV é bem recorrente, principalmente nas mulheres sexualmente ativas, na maioria das vezes sua permanência no organismo é transitória e regride espontaneamente, no entanto os quadros de casos persistentes podem progredir para o desenvolvimento de algumas patologias, a exemplo do Câncer do Colo do Útero (CCU). A vista disso, é notório uma associação entre o CCU com os subtipos oncogênicos do vírus HPV, especificamente o HPV-16 e o HPV-18, os quais são responsáveis por volta de 70% dos cânceres cervicais (Inca, 2022).

O câncer do colo do útero é, segundo dados estatísticos, o quarto câncer mais recorrente entre mulheres em nível mundial. Pressupõe-se, que 604.127 novos casos e 341.831 mortes ocorreram no ano de 2020 (Bruni et al., 2023). No Brasil, a morbidade hospitalar do SUS entre agosto de 2022 a agosto de 2023 foi de 29.855 pessoas com a doença. Os dados mais recentes fornecidos pelo Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), mostram que 6.606 mulheres foram a óbito, em 2021. É possível observar que a região Sudeste apresenta as maiores taxas do país, com nítida tendência temporal de crescimento entre 2017 a 2021 (Brasil, 2023b).

Diante desses achados, nota-se a importância da adoção de medidas profiláticas contra o vírus. A vacina ainda continua sendo a forma mais eficaz de prevenção contra o HPV, mas ainda no nível de prevenção primária temos o uso de preservativos (camisinha) durante a relação sexual, uma vez que a transmissão do patógeno ocorre principalmente por via sexual (Bruni et al., 2023).

A infecção pelo HPV normalmente se apresenta de forma assintomática em grande parte das pessoas infectadas. Sendo assim, as estratégias de rastreamento e diagnóstico precoce devem ser implementadas pela equipe multiprofissional, com ênfase nos enfermeiros e na Atenção Primária à Saúde (APS). Dentre essas medidas cita-se a peniscopia e a citologia

cérvico-vaginal oncótica, mais conhecida como "Papanicolaou" como medidas para prevenir e diagnosticar o vírus do HPV e possíveis complicações como o CCU (Brasil, 2013).

No Brasil, o MS, por meio do Programa Nacional de Imunizações (PNI), incluiu no ano de 2014 a vacina quadrivalente contra o HPV tipos 6 e 11 (baixo risco oncogênico, responsável pelo aparecimento de lesões verrucosas) e 16 e 18 (alto risco oncogênico) no Calendário Nacional de Vacinação de forma gratuita. O esquema vacinal foi organizado em três doses (0, 6 e 60 meses), tendo como objetivo primordial a redução e prevenção do CCU (Brasil, 2022b).

A inserção da população-alvo foi ocorrendo de forma gradativa, inicialmente a oferta de vacinas englobou apenas as meninas de 11 a 13 anos de idade. No ano de 2017, os meninos na faixa etária de 11 a 14 anos foram inseridos na estratégia de vacinação contra o HPV. Essa vacina é potencialmente mais eficaz em adolescentes que ainda não tiveram seu 1º contato sexual, em razão de induzir à produção de anticorpos em quantidade dez vezes maiores em comparação à infecção naturalmente adquirida (Brasil, 2018).

O objetivo do PNI era atingir inicialmente, pelo menos 80% da cobertura vacinal com o esquema de vacinas completo (primeira e segunda dose). No ano de 2014, esta meta foi superada e no curto tempo de 4 meses, 85% (4,19 milhões) das meninas já tinham sido vacinadas com a primeira dose. No entanto, a ocorrência de reação psicogênica depois das meninas terem recebido a vacina, contribuíram para a redução da adesão à vacinação, na qual apenas 60% tomaram a segunda dose no ano de 2014 (Brasil, 2018; Moura; Codeço; Luz, 2021).

Dados mais atualizados expõem que nos últimos anos houve uma queda nos índices da cobertura vacinal contra o HPV no Brasil. No ano de 2019, meninas entre 9 e 14 anos de idade receberam a primeira dose da vacina, o que equivale a 87,08% da população. Já no ano de 2022, a cobertura decaiu para 75,81%. Vale frisar, que com os adolescentes do sexo masculino não foi diferente, a cobertura vacinal caiu de 61,55% em 2019 para 52,16% em 2022 (UNA-SUS, 2023).

De acordo com o SIM, apenas 14.234.828 adolescentes na faixa etária de 9 a 14 anos foram vacinados contra o HPV do ano de 2019 a 2023. É notório um decréscimo nas taxas de adesão durante esses anos. Em 2019, cerca de 4.322.096 jovens receberam a vacina. Contudo, até 05 de outubro de 2023 apenas 1.475.917 do público-alvo aderiu às campanhas de vacinação. Tal resultado está distante de alcançar a meta estabelecida pelo MS para a prevenção de doenças causadas pelo HPV (Brasil, 2023c).

Dentro desta perspectiva, nota-se a necessidade de mensurar a eficácia das intervenções de saúde implementadas nas campanhas de vacinação contra o HPV. O modelo de pesquisa de Conhecimento, Atitude e Prática (CAP), foi utilizado como instrumento de avaliação dessas intervenções, uma vez que os fatores trabalhados influenciam diretamente nos cuidados e comportamento em saúde da população (Oliveira et al., 2020a).

Posto isto, o presente estudo teve o objetivo de analisar os conhecimentos, atitudes e práticas entre os adolescentes relacionados à vacina contra o HPV. Buscou, também, identificar os entraves que intensificam a não adesão às campanhas de vacinação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 HPV: Aspectos gerais

O HPV é um DNA-vírus de cadeia dupla, não encapsulado, membro da família Papillomaviridae. Seu vírus infecta pele ou mucosas (oral, genital ou anal), de ambos os sexos, provocando o aparecimento de lesões proliferativas na região anogenital. Em casos de persistência da infecção por alguns tipos específicos de HPV, o paciente pode evoluir para CCU, doença que registra 530 mil novos casos por ano (Moura; Codeço; Luz, 2021).

Presentemente, existem mais de 200 tipos de HPV descritos no mundo, dentre esses, aproximadamente 40 tipos contaminam o trato anogenital (região genital e no ânus) e pelo menos 20 subtipos estão relacionados a neoplasias malignas, como o CCU. Os tipos de HPV que infectam o trato genital se dividem em dois subgrupos e isso é feito com base na variedade de lesão provocada e o risco oncogênico (Brasil, 2022b).

De acordo com Brasil (2015), os tipos 11, 40, 42, 43, 44, 54, 61, 70, 72 e 81 são de baixo risco oncogênico e identificados em lesões anogenitais benignas e lesões intraepiteliais de baixo grau. Já os tipos 16, 18, 31, 33, 35, 39, 45, 51, 52, 56, 58, 59, 68, 73 e 82, apresentam alto risco oncogênico e são detectados em lesões intraepiteliais de alto grau e, singularmente, nos carcinomas.

Evidencia-se que pode ocorrer infecções múltiplas em um único hospedeiro, ou seja, o fato dele já está infectado com um determinado tipo viral, não detém a infecção por outros tipos de HPV. Comumente, os tipos de vírus que causam verrugas genitais são quase sempre dessemelhantes aos que provocam câncer (Brasil, 2015).

Grande parte das infecções pelo Papilomavírus Humano são assintomáticas ou não aparentes. Seu período de latência pode variar de meses a anos e quando já instalados, as manifestações podem ser subclínicas, em outras palavras, elas são lesões imperceptíveis a olho nu, que são visíveis e detectadas por exames como a peniscopia e exame preventivo de câncer de colo do útero, sob técnicas de magnificação (lentes) e após aplicação de reagentes, como o ácido acético de Lugol, e por meio da colposcopia (Brasil, 2013; Brasil, 2015).

As lesões clínicas do HPV apresentam-se como verrugas na região anogenital. Tecnicamente são nomeadas de condilomas acuminados e trivialmente denominadas de "crista de galo", "figueira" ou "cavalo de crista". Diversificam-se quanto ao seu tamanho, podendo ter vários milímetros ou alguns centímetros, além do mais, podem ser únicas ou múltiplas, possuir superfície fosca e tonalidade da cor da pele, eritematosas ou hiperpigmentadas (Brasil, 2015).

Em geral, são assintomáticas, no entanto o paciente pode referir prurido, região dolorosa, friáveis ou sangrantes. Nos homens, as lesões aparecem no folheto interno do prepúcio, no sulco bálano-prepucial ou na glande e escroto. Já nas mulheres, frequentemente são percebidas na vulva, vagina e/ou cérvix. Em ambos, manifestam-se nas regiões inguinais ou perianais, além de áreas extragenitais, como conjuntivas e mucosas nasal, oral e laríngea (menos frequentemente). Pontua-se que, as verrugas anogenitais se originam quase sempre de tipos de HPV não oncogênicos (Brasil, 2022b).

Entre os fatores de risco mais relevantes para a infecção pelo HPV, destacam-se o início precoce da atividade sexual, multiparidade, não utilizar preservativos durante a relação sexual, tabagismo e ser imunodeprimido (Tanaka *et al.*, 2019). O estudo de Oliveira e colaboradores (2013) ainda pontua que a diferença de idade dos parceiros também se configura como um fator de risco, quanto maior a idade do homem, maior o risco.

O diagnóstico do HPV na atualidade é tipicamente realizado através de exames clínicos e laboratoriais, a depender do tipo de lesão (clínica ou subclínica). As mulheres com presença de verrugas anogenitais devem realizar o exame ginecológico completo, abrangendo o preventivo de câncer de colo do útero (citopatológico). Ao sinal de algum achado clínico característico, é encaminhada para colposcopia que pode ser acompanhada ou não de biópsia. Nos homens o indicado é a peniscopia, a fim de identificar lesões subclínicas, que podem se apresentar no pênis, no escroto ou na região perianal. Pacientes acometidos com lesões anais, devem, idealmente, fazer um exame proctológico com anoscopia e toque retal (Brasil, 2018; Organização Mundial da Saúde, 2013).

O tratamento das verrugas anogenitais tem como objetivo a destruição das lesões clínicas. Caso não haja tratamento, os condilomas podem desaparecer sozinhos, permanecer inalterados ou ampliar em tamanho ou número. Desse modo, as intervenções devem ser de

caráter holístico, prezando a individualidade da lesão, a disponibilidade de recursos, os efeitos adversos e a experiência dos profissionais de saúde (Brasil, 2022b).

Os pacientes imunossuprimidos seguem o mesmo esquema dos imunocompetentes, entretanto, o profissional responsável pelo tratamento deve lembrar que o paciente nessas condições requer maior atenção, tanto em relação ao tipo de resposta às intervenções, quanto à probabilidade de desenvolver complicações. Preconiza-se a mudança das medidas terapêuticas iniciais caso não houver melhoras relevantes após três sessões, ou se as verrugas não desapareceram após seis sessões de tratamento (Brasil, 2022b).

Os tratamentos dividem-se em dois tipos: o domiciliar, aplicado pelo próprio paciente, neste caso ele deve receber instruções detalhadas sobre as possíveis complicações e a forma correta de aplicação. O SUS já incorpora como autotratamento o uso do imiquimode e a podofilotoxina. Outra opção é o tratamento ambulatorial, realizado por um profissional da saúde capacitado. Neste caso, utiliza-se de meios como: ácido tricloroacético (ATA) 80% a 90% em solução, Podofilina 10% a 25% (solução), eletrocauterização, exérese cirúrgica e a crioterapia. Vale sublinhar, que nenhum estudo evidencia a eficácia dos tratamentos em suprimir a história natural da infecção do HPV, por isso a importância da adesão à vacinação como agente de prevenção aos vírus (Brasil, 2022b).

2.2 A vacina papilomavírus humano

A vacina contra o HPV foi produzida em 1991, na Austrália, pelos imunologistas Ian Frazer e Jian Zhou, no entanto só foi reconhecida anos mais tarde como um imunobiológico potente na prevenção do vírus e do câncer cervical. Desde 2006 a vacina está disponível para comercialização e foi recomendada a partir de 2009 pela OMS. Apesar de muitos países terem introduzido a vacina aos calendários de imunização, a adesão do público-alvo ainda é baixa e as coberturas alcançadas são de nível subótimo (Bruni *et al.*, 2021)

Até o momento, foram desenvolvidas duas vacinas contra o HPV. A bivalente que protege contra os tipos oncogênicos 16 e 18, e a quadrivalente, que confere proteção contra os tipos não oncogênicos 6 e 11 e os tipos oncogênicos 16 e 18 (Brasil, 2013). Ambas funcionam estimulando a produção de anticorpos, com o propósito de criar uma memória imunológica ao vírus e consecutivamente garantir proteção contra o HPV, bem como evitar o desenvolvimento de cânceres como o do colo de útero, orofaringe, anal e de pênis (Instituto Butantan, 2022; World Health Organization, 2020).

No Brasil, a vacina é produzida pelo Instituto Butantan e está disponível gratuitamente no SUS desde o ano de 2014. Ressalta-se, que a inclusão e modificação das populações-alvo no calendário de vacinação ocorreu paulatinamente. Iniciou em 2014 com meninas de 11 a 13 anos e em março de 2015 essa faixa etária foi ampliada para as meninas de 09 a 13 anos de idade (Instituto Butantan, 2022).

A inclusão dos meninos na estratégia de vacinação contra o HPV, ocorreu primeiramente na Austrália e outros países como Áustria, Israel, Estados Unidos, Suíça, Canadá, região alemã da Saxônia, México, e Nova Zelândia seguiram o exemplo. No Brasil isso só veio acontecer em 2017, na qual houve a interação dos meninos de 11 a 14 anos e a expansão para as meninas de 09 a 14 anos. Recentemente, mais precisamente em 2022, o foco das políticas vacinais contra o HPV, passaram a ser para quaisquer adolescentes de 9 a 14 anos de idade, independentemente do sexo. Idealmente, ela deve ser aplicada antes do início das atividades sexuais (Ali *et al.*, 2022; Brasil, 2018; Brasil, 2022c).

Posto isso, a vacinação também engloba pessoas soropositivas ou transplantadas na faixa etária de 9 a 45 anos. Além disso, desde agosto de 2023, vítimas de violência sexual, com idade entre 9 a 45 anos, que não foram vacinadas ou que não completaram o esquema de

vacinação, passaram a ser grupo prioritário para imunização contra o vírus (Brasil, 2022b; Brasil, 2023d).

Ressalta-se, que a exemplo do Reino Unido e de outros países, em 2016 o esquema da vacina foi modificado para 2 doses (0 e 6 meses), o intervalo mínimo de 6 meses é considerado efetivo, sendo que a resposta imunológica se mostrou relativamente eficaz quando esse tempo para a adesão da segunda dose é respeitado (Brasil, 2018).

O Ministério da Saúde tem como objetivo atingir 80% da população elegível com a primeira e a segunda dose da vacina. No entanto, a taxa de adesão ainda continua abaixo do esperado no Brasil, as pesquisas indicam que apenas 57% das meninas foram vacinadas e nos meninos, a taxa não chega a 40%, uma vez que o preconizado pela OMS para prevenção da patologia é uma cobertura de 90% até 2030. Dentre os principais motivos para a baixa procura e queda nos índices da cobertura vacinal, destaca-se a desinformação, associada com segurança do imunizante e equívocos religiosos (Beyen *et al.*, 2022; Moura; Codeço; Luz, 2021).

2.3 Inquérito Conhecimento, Atitude e Prática (CAP)

O inquérito CAP, trata-se de um modelo de pesquisa utilizado para mensurar o saber, pensar e atuar de uma determinada população. Esse método tem como objetivo identificar ou conhecer os fatores que afetam positivamente ou negativamente na aquisição de um comportamento em saúde, sendo esses resultados baseados em evidências (Melo *et al.*, 2021).

O modelo parte da hipótese de que uma conduta em saúde acontece mediante uma tríade sequencial: aquisição de um novo conhecimento de caráter científico ocorre, que gera uma atitude, podendo ela ser favorável ou não e por fim a adoção de uma prática de saúde. Sendo assim, o CAP baseia-se na teoria de que as pessoas agem e produzem um comportamento conforme suas crenças e valores (Oliveira *et al.*, 2020a).

Nesse contexto, o conhecimento tange à capacidade que a população tem de adquirir e reter informações. Normalmente essas ideias são oriundas de experiências, recordações e compreensão de algum fato. Por sua vez, a atitude é a fase de organizar opiniões, é nesse momento que a pessoa decide se vai ou não exercer uma ação. A fim de tudo, a prática engloba o fazer, é a parte destinada à decisão e adesão de uma ação ou comportamento (Oliveira *et al.*, 2020a).

Diante disso, o inquérito serve como instrumento indispensável para mensurar e avaliar o Conhecimento, a Atitude e a Prática de um grupo específico, podendo esse ser profissionais da saúde, gestores, pesquisadores e pacientes. Desse modo, fica mais fácil entender como o público-alvo pensa e age com relação a uma determinada temática. O CAP, permite ao investigador identificar lacunas reais de conhecimento e os padrões de comportamento que facilitam ou dificultam a adesão de uma nova prática. Assim, fica mais fácil diagnosticar um determinado problema de saúde pública e fomentar ações de promoção de saúde mais efetivas (Oliveira *et al.*, 2020a; Ferreira *et al.*, 2020b).

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Este método de pesquisa tem o objetivo de reunir e sintetizar informações de estudos relevantes, estabelecendo suporte para tomada de decisão e melhorias da prática clínica. Dessa forma a elaboração do referido estudo se subdivide em seis etapas: Definição do tema e elaboração da questão norteadora; Definição das bases de dados e critérios para inclusão e exclusão de estudos; definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; avaliação dos estudos incluídos na revisão; interpretação dos resultados; apresentação da revisão (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

Realizou-se uma busca bibliográfica em março de 2023 nas fontes bibliográficas Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e na National Library of Medicine (PUBMED). Sendo assim, a estratégia de busca baseou-se nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Medical Subject Headings (MeSH) nas línguas portuguesa e inglesa: “Conhecimentos, Atitudes e Prática em Saúde”, “Adolescente”, “Papillomavirus Humano”, “*Health Knowledge, Attitudes, Practice*”, “*Adolescent*” e “*Human Papillomavirus Viruses*” combinados em si com o operador booleano AND. A seguir estão representados no quadro 1 as estratégias utilizadas para as buscas nas fontes bibliográficas:

Quadro 1- Estratégias de busca dos estudos nas bases de dados. Campina Grande, PB, Brasil, 2023.

Base/ Banco de dados	Estratégia de Busca	Resultados
BVS	(Conhecimentos, Atitudes e Prática em Saúde) AND (Adolescente) AND (Papillomavirus Humano)	1.548
PUBMED	((Health Knowledge, Attitudes, Practice) AND (Adolescent)) AND (Human Papillomavirus Viruses)	28
TOTAL		1.576

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

A questão norteadora foi construída com base na estratégia PICo em que o P se refere a População ou Problema, I a Intervenção ou fenômeno de interesse, e o Co ao Contexto segundo descrição do *The Joanna Briggs Institute* apresentada no quadro 2 (Aromataris; Munn, 2017).

Quadro 2- Estratégia PICo para formulação da questão de pesquisa. Campina Grande, PB, Brasil, 2023.

Acrônimo	Descrição	Termo
P	População	Adolescentes
I	Intervenção	Conhecimentos, Atitudes e Práticas
Co	Contexto	Vacinação

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

A referida estratégia subsidiou a construção da seguinte questão norteadora: “Quais são os conhecimentos, atitudes e práticas disseminadas entre os adolescentes referentes à vacina contra o HPV no âmbito científico?”

Para a seleção dos artigos foram empregados os seguintes critérios de inclusão: estudos primários relacionados à temática encontrados nos idiomas português, inglês e espanhol com delimitação temporal dos últimos cinco anos. Como critérios de exclusão, determinou-se artigos duplicados nas bases de dados. Além disso, excluíram-se dissertação, tese, livro ou capítulo de livro, anais de eventos, editorial, ou outro estudo que se configure como literatura cinzenta, assim como as revisões da literatura.

A avaliação para a escolha dos artigos foi realizada em 4 fases. A primeira fase foi realizada em fevereiro de 2023, na qual foi feita uma pesquisa na plataforma do *Google Scholar*

com o tema “Vacina contra o HPV: Conhecimentos, atitudes e práticas de adolescentes.”, evidenciando a relevância da investigação, mediante a ausência de estudos atuais com o mesmo objetivo e estratégias utilizadas no estudo em tela. Vale acentuar que a partir dessa busca e delimitação da temática, elaborou-se a questão norteadora.

Na segunda fase, após a aplicação dos filtros, foram encontrados 516 artigos científicos, sendo 514 da BVS e 02 da PubMed, em seguida foram pré-selecionados nas bases de dados a partir da leitura dos títulos um total de 91 artigos, consecutivamente foi feita a análise dos resumos, levando em consideração os critérios de elegibilidade, resultando em 32 artigos. Após a leitura completa, 15 artigos se encaixaram com a proposta do estudo, instituindo assim a amostra final.

De acordo com as orientações do *Updated Guideline for Systematic Reviews* foi feita a triagem dos artigos com base na construção do fluxograma PRISMA (Moher *et al.*, 2009). O PRISMA consiste em um conjunto de itens pautados em evidências científicas e métodos para identificar, selecionar, avaliar e sintetizar estudos para a elaboração de relatórios em revisões sistemáticas e meta-análises, englobando ainda revisões integrativas (Page *et al.*, 2022). As etapas do fluxograma encontram-se explícitas na figura 1.

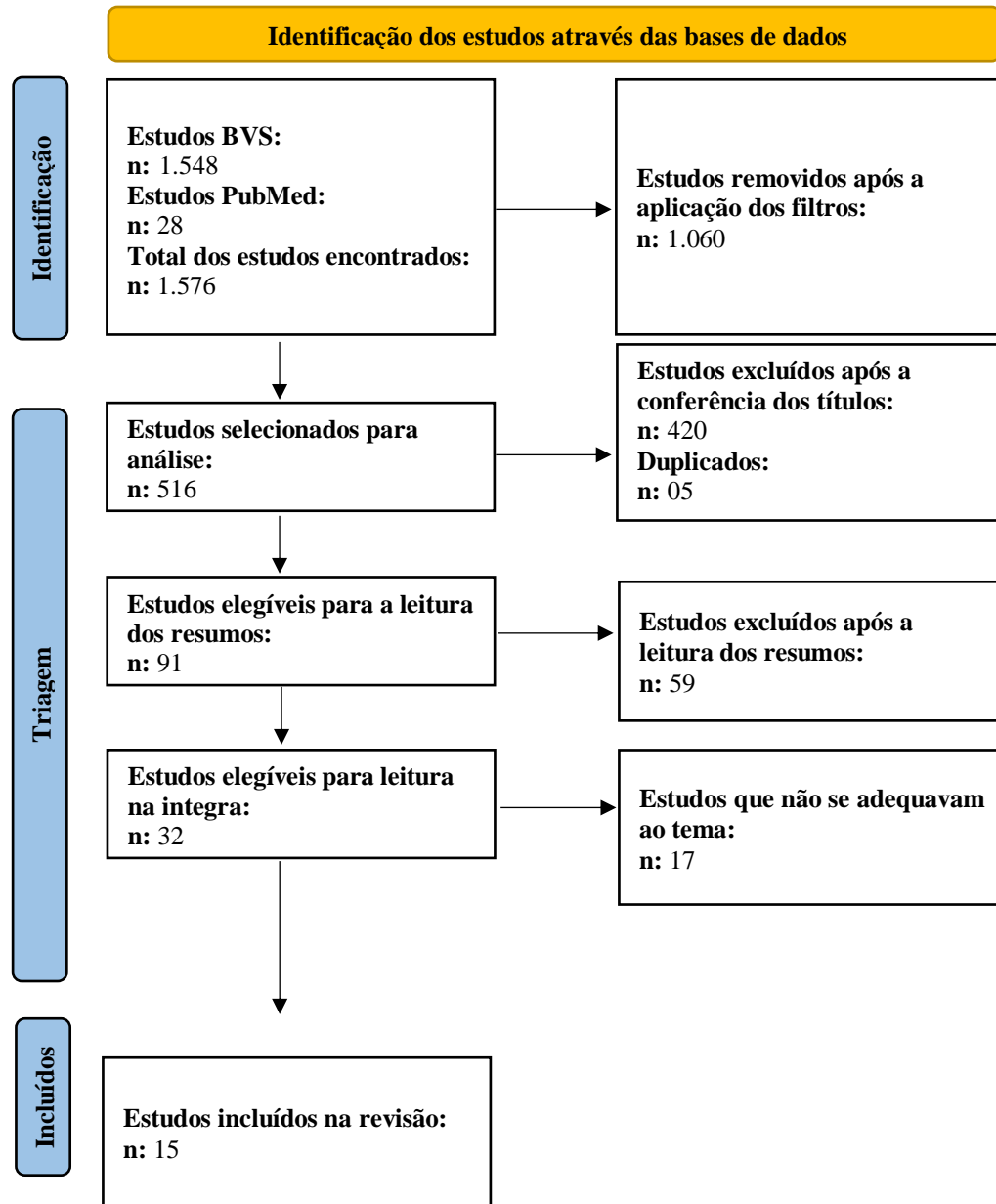
Durante a terceira e quarta fase, os dados dos estudos foram analisados e coletados através de um formulário adaptado, a fim de melhorar a análise e compreensão de cada artigo (Ursi; Galvão, 2006). Esse instrumento de coleta dispõe dos itens: Título do artigo, nome dos autores, ano de publicação, idioma, país, tipo de estudo e os principais resultados.

A categorização e análise dos dados foi feita com base no inquérito CAP, distribuindo a discussão em Conhecimento, Atitude e Prática. Esse modelo de pesquisa parte do pressuposto de que um comportamento em saúde é estabelecido através de uma tríade sequencial: sua origem começa na obtenção do conhecimento, que resulta na concretização de uma atitude e adoção de uma nova prática em saúde (Oliveira *et al.*, 2020a). A análise também foi realizada a partir da literatura pertinente, a fim de compor um contraste com outros estudos publicados sobre a temática.

Além disso, a análise e composição dos resultados também foi pautada nas barreiras que intensificam a não adesão às campanhas de vacinação contra o HPV desse público-alvo.

O presente estudo se trata de uma revisão integrativa da literatura utilizando de dados secundários para sua composição. Desse modo, por não envolver seres humanos, não foi necessário submeter o estudo ao parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.

Figura 1. Fluxograma de identificação do processo de seleção dos artigos incluídos na revisão integrativa. Campina Grande, PB, 2023.



Fonte: adaptada do PRISMA (MOHER *et al.*, 2020).

4 RESULTADOS

A amostra final do estudo foi composta por 15 artigos, conforme apresentados sumariamente no quadro 3.

Os estudos selecionados foram publicados entre os anos de 2019 a 2022, sendo 2019 (40%), 2020 (13,33%), 2021 (13,33%) e 2022 (33,34%), logo após aplicação dos filtros apareceram artigos nos idiomas inglês (80%) e português (20%). Os estudos foram realizados nos subsequentes países: China, Estados Unidos, Etiópia, França, Malásia, Paquistão, Suécia, vale enfatizar que o Brasil (46,66%) foi o país com o maior número de publicações. Em relação ao tipo de estudo foram encontrados: Transversal misto (20%), Transversal qualitativo (20%),

Transversal quantitativo (40%), Descritivo qualitativo (6,7%), Descritivo quantitativo (6,7%) e Longitudinal quantitativo (6,6%).

Em relação às barreiras evidenciadas nos artigos, destaca-se o medo da vacina e seus efeitos colaterais, a desinformação sobre conceitos básicos da vacina contra o HPV e seus benefícios, além do tabu religioso que associa a vacinação com o início precoce da atividade sexual dos adolescentes.

Os 15 estudos ressaltam de forma predominante o baixo conhecimento dos adolescentes acerca da temática, visto que grande parte dos entrevistados não demonstraram instrução suficiente sobre a transmissão, prevenção, sintomatologia e as consequências do HPV. Por fim, apesar da insuficiência no grau de conhecimento, os participantes demonstram uma atitude positiva relacionada à vacina e anseiam por mais informações que de acordo com 100% dos artigos. Aqui levanta-se a hipótese que este achado deve ser oriundo de campanhas e intervenções educativas.

Quadro 3- Caracterização dos estudos que compõem a amostra final. Campina Grande, PB, Brasil, 2023.

Título	Autor/ano	Idioma/País	Tipo de estudo	Principais resultados
1-Adolescents' knowledge of HPV and sexually transmitted infections at public high schools in São Paulo: A cross-sectional study / Conhecimento de adolescentes sobre HPV e infecções sexualmente transmissíveis em escolas públicas de ensino médio de São Paulo: um estudo transversal	SOARES, <i>et al.</i> (2022).	Inglês/Brasil	Estudo transversal misto	Cerca de metade dos adolescentes entrevistados apresentam pouco conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis (IST), HPV e o câncer do colo do útero, principalmente na faixa etária de 10 a 14 anos. O sexo masculino mostrou-se menos informado e preocupado com os cuidados de saúde em comparação ao sexo feminino. Vale salientar que apenas 12,6% procuraram atendimento de saúde devido às preocupações com o HPV.
2-Human papillomavirus vaccination uptake and its associated factors among adolescent school girls in Ambo town, Oromia region, Ethiopia, 2020/ A adesão à vacinação contra o papilomavírus humano e seus fatores associados entre meninas adolescentes em idade escolar na cidade de Ambo, região de Oromia, Etiópia, 2020	BEYEN, <i>et al.</i> (2022).	Inglês/Etiópia	Estudo transversal quantitativo	A atitude positiva em relação à vacinação contra o HPV se encontra atrelada à pré-informações, conhecimento sobre os benefícios e incentivo dos profissionais de saúde e familiares. No entanto, a desinformação, o medo dos efeitos colaterais e a ausência de promoção e educação em saúde sobre a vacina contra o HPV são alguns dos fatores que corroboram para a hesitação em se vacinar entre as meninas entrevistadas.

<p>3- Knowledge, attitudes and practices of adolescents about the human papillomavirus/ Conhecimentos, atitudes e práticas de adolescentes sobre o papilomavírus humano</p>	<p>GALVÃO; ARAÚJO; ROCHA (2022)</p>	<p>Português/Brasil</p>	<p>Estudo transversal quantitativo</p>	<p>Observa-se que o público feminino apresentou um nível de conhecimento superior ao masculino, no entanto ainda se percebe uma baixa proporção de indivíduos bem-informados acerca da prevenção do HPV. Tal cenário pode ser evidenciado devido a desinformação do binômio adolescente-responsável, insegurança acerca da eficácia e efeitos colaterais da vacina e a falta de convicção de que a vacina é essencial, especialmente entre o sexo masculino.</p>
<p>4-Adolescent girls' recommendations for the design of a human papillomavirus vaccination program in Sindh, Pakistan: a qualitative study/ Recomendações de meninas adolescentes para a elaboração de um programa de vacinação contra o papilomavírus humano em Sindh, Paquistão: um estudo qualitativo</p>	<p>ALI, <i>et al.</i> (2022)</p>	<p>Inglês/Paquistão</p>	<p>Estudo transversal qualitativo</p>	<p>As meninas entrevistadas mostraram ter uma atitude positiva em relação à vacina e boa compreensão acerca da virologia. Entretanto, elas não possuem conhecimento específico sobre a vacina contra o HPV e noções básicas da saúde reprodutiva feminina. A desinformação, falta de confiança e hesitação dos pais se configura como mais um obstáculo para a implantação de um programa de vacinação eficaz.</p>
<p>5- Factors associated with knowledge, attitude, and practice of schoolgirls about vaccination against Human Papillomavirus/ Fatores associados ao conhecimento, atitude e prática de meninas</p>	<p>FERREIRA, <i>et al.</i> (2022)</p>	<p>Português/Brasil</p>	<p>Estudo transversal quantitativo</p>	<p>Infere-se que o conhecimento, atitude e prática em relação a vacinação contra o HPV, sofre influência de fatores associados como: idade, raça e renda. Meninas brancas e católicas que residem na grande metrópole apresentam maior conhecimento e prática acerca da vacina. Além disso,</p>

escolares sobre vacinação contra Papilomavírus Humano				meninas com renda familiar de até dois mil reais, expressam menor adequação de atitude e prática.
6- Feelings of pre-adolescents and adolescents regarding vaccination against human papillomavirus/ Sentimentos de pré-adolescentes e adolescentes quanto à vacinação contra o papilomavirus humano	SILVA, <i>et al.</i> (2021)	Português/Brasil	Estudo descritivo qualitativo	A maioria das adolescentes entrevistadas afirmam que a finalidade da vacina contra o HPV se restringe a prevenção do câncer de colo uterino. Outras participantes referem não saber a significância da vacinação. O medo da vacina e seus efeitos adversos, além da desinformação e tabu religioso foram fatores citados que intensificam a não adesão à campanha de vacinação desse público-alvo e seus responsáveis.
7-HPV vaccine acceptability and willingness-related factors among Chinese adolescents: a nation-wide study/ Aceitabilidade da vacina contra o HPV e fatores relacionados à disposição entre adolescentes chineses: um estudo nacional	ZHANG, <i>et al.</i> (2021)	Inglês/China	Estudo transversal quantitativo	A maioria dos alunos entrevistados asseguram não ter ouvido falar sobre o HPV e a vacina contra o HPV, entretanto 67,3% estavam dispostos a receber a vacina contra o vírus. O conhecimento sobre o risco de desenvolver o câncer de colo de útero e já ter ouvido falar da vacina e seus benefícios são fatores que corroboram para o aumento da aceitabilidade em relação à vacinação.
8- Knowledge and acceptability of HPV vaccine among HPV-vaccinated and unvaccinated adolescents at Western Amazon/ Conhecimento e aceitabilidade da vacina contra o HPV entre adolescentes	OLIVEIRA, <i>et al.</i> (2020)	Inglês/Brasil	Estudo transversal quantitativo	Adolescentes não vacinados apresentam lacunas de conhecimento sobre o HPV em relação aos vacinados. Dessa maneira, equívocos como a crença de que esta estimula o início da atividade sexual diminuem os índices de aceitabilidade e atitude positiva acerca

vacinados e não vacinados contra o HPV na Amazônia Ocidental				da vacina contra o HPV. Ademais, foi constatado que a escola e os amigos são as principais fontes de troca de informações sobre a temática entre os adolescentes.
9-Knowledge about cervical cancer and HPV immunization dropout rate among Brazilian adolescent girls and their guardians/ Conhecimento sobre câncer de colo uterino e taxa de abandono da imunização contra o HPV entre adolescentes brasileiras e seus responsáveis	SANTOS, <i>et al.</i> (2020)	Inglês/Brasil	Estudo transversal misto	Observou-se que a maioria das entrevistadas apresentaram baixo conhecimento sobre o HPV e o câncer do colo do útero, assim como um alto índice de abandono da vacinação contra o HPV entre as adolescentes. O estudo evidenciou que fatores sociodemográficos como a idade, escolaridade e renda familiar influenciam no grau de conhecimento das participantes. Vale salientar que o conhecimento acerca da vacinação se resumia majoritariamente em sua finalidade profilática.
10- Are Boys Ready for Human Papillomavirus Vaccine? A National Study of Boys in Malaysia/ Os meninos estão prontos para a vacina contra o papilomavírus humano? Um estudo nacional de meninos na Malásia	WONG, <i>et al.</i> (2019)	Inglês/Malásia	Estudo transversal quantitativo	O estudo ressalta que mais da metade dos participantes nunca tinha ouvido falar da vacinação contra o HPV ou HPV, configurando seus conhecimentos sobre a temática como inadequados. Outro achado significativo foi a crença errônea de que os meninos não precisam ser vacinados e que apenas as meninas devem receber a vacina contra o HPV.
11-Knowledge of Pregnant Adolescents about Human	TANAKA, <i>et al.</i> (2019)	Inglês/Brasil	Estudo descritivo quantitativo	Mais da metade das participantes entrevistadas afirmam terem ouvido falar da temática (80,92%), no entanto esse conhecimento é considerado

Papillomavirus/ Conhecimento de adolescentes gestantes sobre o papilomavírus humano				insuficiente, visto que as meninas não demonstram instrução sobre a transmissão, prevenção, sintomatologia e as consequências do HPV. Destaca-se que as variáveis vacina e preservativo estão estatisticamente associadas à prevenção do HPV segundo o grupo entrevistado.
12-Sociodemographic and clinical correlates of human papillomavirus vaccine attitudes and receipt among Wisconsin adolescents/ Correlatos sociodemográficos e clínicos de atitudes e recebimento da vacina contra o papilomavírus humano entre adolescentes de Wisconsin	HANSON, <i>et al.</i> (2019)	Inglês/Estados Unidos	Estudo longitudinal quantitativo	Os participantes do estudo apresentaram uma atitude favorável acerca da vacina contra o HPV, principalmente aqueles que tiveram discussões e apoio de seus pais, além do acesso a informações sobre a vacinação que incluem profissionais de saúde (82%), família (55%) e internet (42%).
13-HPV vaccination and sexual health in France: Empowering girls to decide/ Vacinação contra o HPV e saúde sexual na França: capacitando as meninas para decidir	LEFEVRE, <i>et al.</i> (2019)	Inglês/França	Estudo transversal qualitativo	As adolescentes que participaram do estudo sabem pouco sobre a vacina contra o HPV, sendo seu principal conhecimento atrelado a prevenção do risco de câncer do colo do útero e prevenção de uma das infecções adquiridas durante o ato sexual. Destaca-se que na França a adesão à vacinação contra o HPV é baixa e isso se deve a fatores como o medo da injeção e efeitos colaterais, dor, tabus sobre sexo, preconceitos sobre a associação entre infecção e sexo e o

				custo para famílias sem seguro de saúde complementar.
14- Vaccination perspectives among adolescents and their desired role in the decision-making process/ Perspectivas de vacinação entre adolescentes e seu papel desejado no processo de tomada de decisão	HERMAN, <i>et al.</i> (2019)	Inglês/Estados Unidos	Estudo transversal misto	As meninas entrevistadas mostram uma preocupação maior com a vacinação do que os meninos, as mesmas também relataram que suas mães influenciam na tomada de decisões sobre a vacina. A pesquisa evidencia que um terço dos adolescentes deseja adquirir mais informações e melhorar seus conhecimentos acerca da vacina contra o HPV, visto que eles ainda expressam muitas dúvidas em relação aos benefícios, funcionamento e informações básicas sobre a vacinação.
15- 'I also want to be vaccinated!' – adolescent boys' awareness and thoughts, perceived benefits, information sources, and intention to be vaccinated against Human papillomavirus (HPV)/ 'Eu também quero ser vacinado!' – consciência e pensamentos de meninos adolescentes, benefícios percebidos, fontes de informação e intenção de serem vacinados contra o papilomavírus humano (HPV)	GRANDAHL, <i>et al.</i> (2019)	Inglês/Suécia	Estudo transversal qualitativo	Os meninos se mostraram a favor de receber a vacina contra o HPV, além disso acreditavam que era importante e justo a vacinação ser disponibilizada para ambos os sexos. Apesar da atitude favorável dos adolescentes, a maioria demonstra ter pouco conhecimento sobre o vírus e a vacina e expressaram que precisavam de mais informações. Vale evidenciar que as preocupações com a segurança da vacina, o medo dos efeitos colaterais e da agulha foram as principais barreiras citadas por esse público-alvo.

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

5 DISCUSSÃO

5.1 Conhecimento dos adolescentes e suas variáveis

Tendo como base os dados secundários adquiridos durante a leitura e análise da literatura pertinente, o presente estudo evidenciou em consonância com outros constructos citados ao longo da discussão, que o conhecimento dos adolescentes acerca do HPV, da vacina contra o HPV e suas potenciais complicações, se configura como insuficiente ou errôneo.

Tal achado corrobora com os resultados encontrados na publicação de Ferreira *et al.* (2020a) na qual, observou-se que grande parte dos adolescentes e seus responsáveis já ouviu falar sobre o HPV e o câncer de Colo de Útero, todavia, não sabem ao certo quais são as manifestações clínicas do vírus e qual é a função da vacina.

Os estudos que foram selecionados para essa revisão afirmam majoritariamente que os entrevistados apresentavam conhecimento superficial sobre as especificidades do Papilomavírus Humano e sua vacinação em várias partes do mundo como: Brasil, China, Estados Unidos, Etiópia, França, Malásia, Paquistão e Suécia. Nesta conjuntura, Oliveira *et al.* (2020b) coletou dados na cidade de Ouro Preto – Minas Gerais, para qual apontam lacunas de conhecimento identificadas entre o público adolescente não vacinado, dentre elas destaca-se o desconhecimento de que a vacina contra o HPV faz parte do calendário vacinal de ambos os gêneros, qual o número e intervalo de tempo entre as doses e que jovens sexualmente ativos também podem ser vacinados. Ademais, os dados coletados referentes ao tipo de câncer associado ao HPV, o calendário vacinal e o modo de transmissão ainda eram vagos (Lefevre *et al.*, 2019; Santos *et al.*, 2020).

Semelhantemente, uma pesquisa realizada na China, pontua que o público feminino detém um nível de conhecimento superior sobre as vacinas contra o HPV e estão mais decididas a se vacinar do que o público masculino. Uma hipótese para esse achado seria o fato de a temática ainda ser amplamente relacionada ao CCU e a implementação da vacina no calendário vacinal inicialmente ser apenas para meninas (Santos; Rocha, 2021; Zhang *et al.*, 2021).

Coincidentemente a esse achado o estudo desenvolvido por Galvão, Araújo e Rocha (2022) observa que apesar das mulheres apresentarem melhores índices de conhecimento em comparação aos homens, ainda se constata um baixo percentual de adolescentes bem-informados, devido à pouca instrução sobre a transmissão, prevenção, sintomatologia e as consequências do HPV (Tanaka *et al.*, 2019).

Nessa perspectiva, ao serem questionadas a maioria das entrevistadas restringe a finalidade da vacinação ao fato de prevenir apenas o CCU, descartando a profilaxia contra as verrugas genitais e outras variedades de cânceres incluindo o anal, perianal e oral. Diante de tais evidências pressupõe-se que a desinformação é considerada uma problemática de saúde pública que implica nos níveis de aceitabilidade a vacinação e conseqüentemente eleva os índices de prevalência na baixa cobertura vacinal (Gomes *et al.*, 2020; Lefevre *et al.*, 2019; Silva *et al.*, 2021).

Vale frisar que a aquisição de conhecimento sobre o HPV sofre forte influência de fatores sociodemográficos os quais circundam os jovens. Bem como, os meios de comunicação, profissionais da saúde e os pais são as principais fontes de pré-formação da população em análise (Beyen, *et al.*, 2022).

Ferreira *et al.* (2022), percebeu que determinados fatores sociodemográficos como idade, nível educacional dos pais, renda familiar e religião podem ser associados aos índices de conhecimento do público-alvo. Sendo assim, ter pais com instrução, maior escolaridade e renda familiar, influencia positivamente na aquisição de conhecimento. Ressalta-se, que os entrevistados praticantes da religião protestante ou Testemunha de Jeová apresentaram escores

de desinformação maiores em comparação a outras crenças religiosas (Santos *et al.*, 2020; Soares *et al.*, 2022).

Um estudo realizado por Brito e colaboradores (2021), evidenciou a associação estatística entre as variáveis: não vacinar os filhos e ter uma religião. Desse modo, os praticantes de alguma crença religiosa alegam que por se tratar de uma vacina que confere proteção contra um tipo de IST, a mesma seria um estímulo para a sexualidade. Além disso, as organizações religiosas afirmam que a vacinação provocaria o início da vida sexual precoce, levando à promiscuidade dos adolescentes (Silva *et al.*, 2021).

No que concerne aos meios de comunicação, uma pesquisa realizada com garotos na Malásia citou a televisão ou rádio (46,9%), os professores (43,7%), colegas (20%) e a internet (16,5%) como potenciais fontes de informação (Wong *et al.*, 2019). Em consonância a esse resultado, outros estudos mencionam os profissionais de saúde, mães ou responsáveis e as redes sociais a exemplo do Facebook ou Instagram, WhatsApp e Youtube, como os principais canais disseminadores de informação em ambos os gêneros (Ali *et al.*, 2022; Oliveira *et al.*, 2020b; Santos *et al.*, 2019).

Nesse sentido, devido a facilidade de acesso, a internet foi considerada uma importante ferramenta na adesão de informações, seja através de perfis dos órgãos públicos ou páginas de notícias. Verificou-se que o acesso à informação por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) está correlacionado com melhores índices no conhecimento e consecutivamente atitude mais positiva sobre a vacina (Santos *et al.*, 2019).

Embora o enfermeiro da APS seja o profissional mais qualificado para realizar as campanhas de educação em saúde, uma vez que detém amplo conhecimento e domínio em relação ao calendário vacinal e maior contato com os usuários, que fortalece por sua vez a confiança e criação de vínculo, notou-se que poucos participantes relatam ter obtido informações sobre a vacina contra o HPV com esses profissionais (Santos *et al.*, 2020).

A vista disso, pressupõe-se que as estratégias utilizadas pela equipe de saúde têm sido deficitárias, o que contribui para o aumento das taxas de desinformação e não adesão às campanhas de vacinação. Observa-se ainda a necessidade do planejamento e articulação de ações educativas mais efetivas, com ênfase na etiologia, transmissão e prevenção da patologia (Santos *et al.*, 2020; Santos; Rocha, 2021)

É notória a necessidade de reavaliar a eficácia dos programas de ações educativas e buscar melhorar as ações que se encontram em vigor. Por serem considerados as fontes de informações mais seguras, os profissionais em especial a equipe de enfermagem, devem atualizar e melhorar os serviços de saúde prestados, atentando-se para as lacunas de conhecimento dos pais e adolescentes, com ênfase no sexo masculino e na população de com baixa escolaridade. Os próprios jovens pontuam a relevância de organizar as informações e sintetizá-las em locais apropriados (escolas ou postos de vacinação), para melhor aquisição do conhecimento (Gomes *et al.*, 2020; Lefevre *et al.*, 2019; Santos *et al.*, 2020).

5.2 Atitudes e práticas dos adolescentes acerca da vacinação

Os adolescentes compreendem a vacina do HPV como benéfica à saúde, assim como as demais vacinas distribuídas pelo governo, no entanto, paradoxalmente a essa afirmação quase metade dos entrevistados acreditavam na crença errônea de que o gênero masculino não precisava ser imunizado contra o vírus. Desse modo, as campanhas de vacinação não devem ser promovidas com base apenas na prevenção do CCU, elas carecem destacar os ônus da vacina, a fim de precaver a população masculina das consequências relacionadas ao HPV (Ferreira *et al.*, 2020a; Wong *et al.*, 2019).

Em suma, grande parte dos constructos analisados nesta revisão classificam a atitude dos adolescentes frente a vacina do HPV como positivas. Os participantes que possuem um

posicionamento favorável a essa iniciativa, tendem a ter mais chances de aderir às campanhas de vacinação (Galvão; Araújo; Rocha, 2022). Ainda sobre a atitude, Grandahl e colaboradores (2019) identificaram que o motivo e interesse em receber a vacina está relacionado principalmente à proteção contra as infecções sexualmente transmissíveis (IST) e o câncer de colo de útero.

Beyen *et al.* (2022) afirma que ter pré-informação sobre a vacina ajuda a criar uma atitude positiva, ou seja, ter conhecimento pode auxiliar a cultivar os benefícios da vacinação. Por isso as campanhas devem ter como uma de suas metas, sanar as dúvidas e melhorar a compreensão desse público, ajudando-os a encarar seus medos e crenças (Gomes *et al.*, 2020; Zhang *et al.*, 2021).

Apesar dos jovens demonstrarem uma atitude positiva e interesse em saber mais sobre a temática, percebe-se ainda uma resistência grande na adesão à vacina. Tal problemática pode ser observada em vários países como Brasil, Paquistão e Malásia (Ali *et al.*, 2022; Galvão; Araújo; Rocha, 2022; Wong *et al.*, 2019).

Pesquisas apontam que os pais/responsáveis desempenham um papel crucial na decisão dos adolescentes sobre a adesão à vacinação (Santos *et al.*, 2020; Zhang *et al.*, 2021). Sendo assim, os pais devem ser incluídos nos programas de educação em saúde, uma vez que os mesmos são responsáveis pela decisão final sobre tomar ou não a vacina. Mostrando-se similar a esse achado, um estudo realizado entre jovens Wisconsin nos Estados Unidos, revela que os adolescentes que debateram a importância da vacina contra o Papilomavírus Humano com seus genitores, aderiram à vacinação e completaram o esquema vacinal (Ferreira *et al.*, 2020a; Hanson *et al.*, 2019; Santos; Rocha, 2021).

Inicialmente o SUS no ano de 2014 direcionou a estratégia de vacinação contra o HPV à população de meninas entre 11 a 13 anos. Em anos subsequentes houve ampliação do público-alvo, com a finalidade de incluir os meninos nas políticas de imunização contra o vírus. Tal determinação somada a difusão de informações atreladas principalmente à prevenção do CCU, afetou e afeta a taxa de adesão dos adolescentes, em específico o público masculino em aderir e completar o esquema de imunização (Santos *et al.*, 2020; Santos; Rocha, 2021).

Ademais, muitos jovens expressaram interesse em saber mais sobre a vacina do HPV em geral, para que desse modo possam formular sua própria opinião sobre a vacinação e participar de forma mais ativa na tomada de decisão (Grandahl *et al.*, 2019; Lefevre *et al.*, 2019).

Desse modo, nota-se a necessidade de se criar ações e materiais educativos adaptados para ambos os gêneros, com a colaboração das escolas e profissionais da saúde. Assim, sugere-se que tais ações utilizem artifícios para a disseminação de informações seguras que façam parte do cotidiano dos adolescentes, a exemplo das redes sociais. Essa estratégia pode servir como um importante mecanismo de alfabetização em saúde e melhoria dos escores de adesão à vacinação (Gomes *et al.*, 2020).

5.3 Entraves que implicam na adesão à vacinação

Embora o público-alvo demonstre interesse na vacina contra o vírus do HPV, existem barreiras que solidificam a não adesão à vacinação. A resistência da população em se vacinar na maioria dos estudos foi vinculada ao medo de experienciar dor durante a aplicação do injetável, o medo da agulha e dos possíveis efeitos colaterais ou morte (Grandahl *et al.*, 2019; Herman *et al.*, 2019; Silva *et al.*, 2021).

Vale enfatizar, que diversos fatores podem contribuir com o desinteresse em aderir às políticas de vacinação contra o HPV, dentre elas cita-se o conhecimento limitado acerca da temática em estudo, falta de tempo, crença de que a infecção não acomete meninos, barreiras religiosas e culturais, além da preocupação dos pais em relação a segurança e eficácia da vacina.

Por conseguinte, esses fatores afetam negativamente as campanhas de vacinação, acarretando a redução da cobertura vacinal (Brito *et al.*, 2021; Guimarães *et al.*, 2021).

Sabe-se que as TICs são importantes ferramentas que permitem o alcance de mais pessoas ao acesso à informação. Contudo, observa-se que durante a implantação da campanha de vacinação contra o HPV, surgiram na mídia diversas notícias falsas e negativas a respeito da vacina. Tal conduta acaba estimulando a criação de barreiras para a não vacinação e fortalece a crença de que a vacina é uma farsa do governo, destinada a controlar a taxa de natalidade da população (Beyen *et al.*, 2022; Gomes *et al.*, 2020).

Uma pesquisa realizada em 2020 em nível global, identificou a internet como um importante entrave à vacinação. Os resultados apontam que os países com reduções significativas da confiança em vacinas está comumente associada a movimentos online antivacinas (Figueiredo *et al.*, 2020). Curiosamente o constructo desenvolvido por Hanson e colaboradores (2019) relata que os adolescentes que sugeriram a internet como fonte confiável de informações, apresentam elevado escore de incerteza e resistência sobre a vacina.

Desde 2013, o Brasil tem notificado declínio nas taxas de cobertura vacinal, associada a veiculação crescente de informações falsas. A pandemia de COVID-19 é um exemplo recente do que as *Fake News* podem gerar. A desinformação associada a informações falsas tem a capacidade de influenciar o comportamento de um grupo populacional, atenuando a recusa a medida preventiva e comprometendo, por conseguinte a imunidade de rebanho (Frugoli *et al.*, 2021).

A baixa escolaridade é citada como uma barreira sociodemográfica que pode dificultar a compreensão das informações, visto que nem sempre as notícias vinculadas a determinados meios de comunicação são verídicas ou estão passíveis de entendimento de todas as classes sociais. A exemplo de uma notícia propagada em uma cidade no norte do estado de Nova York, na qual apontava o Gardasil[®], que é uma das vacinas usadas na prevenção de algumas doenças causadas pelo papilomavírus humano, como a causa da morte de um jovem após ter sido vacinado com a mesma (Herman *et al.*, 2019; Santos *et al.*, 2020).

Salienta-se que a falta de informação adequada em relação à segurança, eficácia e finalidade da vacina, se configura como um forte entrave de resistência dos pais e adolescentes frente à decisão de aderirem ou não à vacinação (Galvão; Araújo; Rocha, 2022; Zhang *et al.*, 2021).

Correlativo a esse achado, outras pesquisas indicam a hesitação dos pais ou responsáveis em vacinar seus filhos como um potencial obstáculo para a implementação bem-sucedida do programa de vacinação, desse modo é de extrema necessidade que os profissionais da saúde estabeleçam uma base sólida de confiança entre o binômio pais-adolescentes, a fim de sanar suas dúvidas acerca da temática, uma vez que ter conhecimento é fundamental para a aceitação da vacina (Ali *et al.*, 2022; Guimarães *et al.*, 2021; Santos *et al.*, 2020).

Outros construtos apontaram a sexualidade como um forte obstáculo que dificulta a manutenção das elevadas taxas de cobertura vacinal. Como uma das finalidades da vacina é a prevenção contra as IST, alguns pais e responsáveis interligam o ato de se vacinar ao estímulo do ato sexual, levando os jovens a promiscuidade (Oliveira *et al.*, 2020b).

À face do exposto, faz-se necessário a criação de estratégias de aconselhamento que atinjam a população heterogênea respeitando suas crenças e valores, mas que ao mesmo tempo desmistifica os mitos já estabelecidos e disseminados na população. Ressalta-se que a informação transmitida deve ser de cunho científico e deve considerar os diferentes estratos sociais, com ênfase na inclusão dos pais e no público masculino (Silva *et al.*, 2021).

A equipe de enfermagem em parceria com os Agentes Comunitários de Saúde (ACS), assumem a postura de intermediadores no processo de educação em saúde dos adolescentes e seus familiares. É fundamental a adoção de ações de acolhimento a esse público-alvo que muitas vezes não frequentam uma Unidade Básica de Saúde (UBS). A elaboração de cartilhas,

campanhas educativas, somadas a intervenções adaptadas em coparticipação com as escolas, são uma boa alternativa para tentar informar, sensibilizar e educar os pais/responsáveis e seus filhos, uma vez que a discussão precoce sobre a temática contribui positivamente no aceitamento de uma nova prática em saúde (Silva *et al.*, 2021; Tanaka *et al.*, 2019).

Nesse contexto, a escola também acaba sendo um local para realização de orientações em saúde, uma vez que o público-alvo das campanhas de vacinação contra o HPV, são os estudantes na faixa etária escolar. O Programa Saúde na Escola (PSE), surge como uma estratégia de inserção das ações articuladas no âmbito da APS, a fim de auxiliar na prevenção e promoção da saúde reprodutiva e sexual dos jovens e consecutivamente trabalhar atividades focadas no combate às IST e incentivo a vacinação (Gentil; Cordeiro, 2020; Fernandes; Koptcke, 2021).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos constructos utilizados para a construção dessa revisão, conclui-se que assim como previsto no inquérito CAP a adoção de uma nova prática é pautada em três pilares, Conhecimento, Atitudes e Práticas, tendo o conhecimento como base e fator crucial para a tomada de decisão (tomar ou não a vacina). Sendo assim, um público mais esclarecido através de acesso à informação de confiança tem uma probabilidade maior de ter um desfecho positivo acerca da vacinação.

As principais barreiras encontradas formam o medo dos efeitos colaterais, percepções errôneas acerca do programa de imunização, o tabu relacionado a sexualidade (estímulo do ato sexual) e a falta de conhecimento das especificidades da vacina contra o HPV, principalmente dos adolescentes do sexo masculino. Vale sublinhar, que fatores sociodemográficos como maior escolaridade e maior renda familiar associam-se a melhores índices de conhecimento sobre a vacina.

Tal cenário evidencia a necessidade do aperfeiçoamento das intervenções educativas voltadas para a sensibilização do público-alvo. Como a vacina é ofertada principalmente a adolescentes, é crucial que os pais também recebam suporte e pré-informação sobre o vírus e suas formas de prevenção, em razão de serem considerados agentes que influenciam na decisão final dos adolescentes em aderir ou não as campanhas de vacinação.

Observa-se, a existência de estudos quantitativamente suficientes que trazem informações relevantes em relação ao conhecimento do público-alvo, entretanto há poucos construtos focados na prática e adesão à temática trabalhada.

Apesar da vacinação ser um assunto conhecido, nota-se uma queda persistente nas taxas de cobertura vacinal, configurando a mesma como um problema de saúde pública no Brasil. Em vista disso, essa revisão integrativa expõe a importância da adoção de instrumentos de avaliação como o inquérito CAP, com a finalidade de entender como o público-alvo pensa e age com relação a vacinação, além de identificar lacunas reais de conhecimento e os padrões de comportamento. Isso, otimizar o desenvolvimento de novas estratégias de promoção à saúde voltadas ao combate à recusa e ao abandono vacinal.

Dessa forma, políticas em saúde devem abranger ambos os gêneros e seus respectivos responsáveis, além de integrar os professores, gestores e profissionais da saúde. A criação de vínculos e a discussão precoce sobre a temática faz com que ambos os grupos se sintam mais seguros do conhecimento adquirido e consecutivamente tomem uma decisão favorável sobre a vacina, promovendo a implementação bem-sucedida do programa de vacinação.

REFERÊNCIAS

- ABREU, V. *et al.* *The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews.* **BMJ**, v. 372, n. 71, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmj.n71> Acesso em: 31 mar. 2023.
- ALI, R. F. *et al.* *Adolescent girls' recommendations for the design of a human papillomavirus vaccination program in Sindh, Pakistan: a qualitative study.* **Human Vaccines & Immunotherapeutics**, v.18, n.5, p.e2045856, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21645515.2022.2045856> .Acesso em 23 abr. 2023.
- ALVES, L. de S; AGUIAR, R. S. Saúde sexual e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: Uma revisão integrativa. **Nursing (Edição Brasileira)**, v.23, n.263, p.3683–3687, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36489/nursing.2020v23i263p3683-3687> . Acesso em: 02 out. 2023.
- AROMATARIS, E; MUNN Z. *editors.* *Joanna Briggs Institute Reviewer's Manual. Melbourne: The Joanna Briggs Institute; 2017.* Disponível em: https://journals.lww.com/ijebh/Fulltext/2019/03000/The_updated_Joanna_Briggs_Institute_Model_of.8.aspx .Acesso em: 31 mar. 2023.
- BEYEN, M. W. M. *et al.* *Human papillomavirus vaccination uptake and its associated factors among adolescent school girls in Ambo town, Oromia region, Ethiopia, 2020.* **PLoS One**, v.17, n.7, p.e0271237, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0271237> .Acesso em: 23 abr. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis.** Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_terapeutica_atencao_integral_pessoas_infecoes_sexualmente_transmissiveis.pdf . Acesso em: 02 out. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Cerca de 1 milhão de pessoas contraíram infecções sexualmente transmissíveis no Brasil em 2019.** Brasília: Ministério da Saúde, 2022a. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2021/maio/cerca-de-1-milhao-de-pessoas-contrairam-infecoes-sexualmente-transmissiveis-no-brasil-em-2019> . Acesso em: 02 out. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Prevalências e frequências relativas de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) em populações selecionadas de seis capitais brasileiras, 2005.** Brasília: Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prevalencia_frequencia_relativas_dst.pdf . Acesso em: 05 out 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Cadernos de Atenção Básica (nº 13) - Saúde da Mulher: Controle dos cânceres do colo do útero e da mama.** Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013. 124 p. ISBN 978-85-334-1991-9.

BRASIL. Ministério da Saúde. Informações de Saúde. **Tabnet, Morbidade Hospitalar do SUS - por local de internação** – Brasil, 2023a. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sih/cnv/niuf.def> .Acesso em: 6 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Informações de Saúde. **Tabnet, Morbidade Hospitalar do SUS - por local de internação** – Brasil, 2023b. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sih/cnv/niuf.def> Acesso em: 6 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Informações de Saúde. **Tabnet, Imunizações - Doses Aplicadas** – Brasil, 2023c. Disponível em: http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/webtabx.exe?bd_pni/dpnibr.def . Acesso em: 6 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Vítimas de violência sexual serão vacinadas contra o HPV**. Brasília: Ministério da Saúde, 2023d. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/agosto/vitimas-de-violencia-sexual-serao-vacinadas-contr-o-hpv> . Acesso em 06 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. Coordenação-Geral do Programa Nacional de Imunizações. **Informe técnico da ampliação da oferta das vacinas papilomavírus humano 6, 11, 16 e 18 (recombinante) – vacina HPV quadrivalente e meningocócica C (conjugada)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: https://www.cosemssc.org.br/wp-content/uploads/2018/03/INFORME-T%C3%89CNICO-HPV_MENINGITE_Final.pdf .Acesso em: 6 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022b. 211 p. ISBN 978-65-5993-276-4.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde amplia vacinação contra meningite e HPV; entenda o que muda**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022c. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/saude-amplia-vacinacao-contr-a-meningite-e-hpv-entenda-o-que-muda> .Acesso em 02 out. 2023.

BRITO, A. C. de. *et al.* Avaliação da aceitação, crenças, percepção e nível de conhecimento parental acerca da vacina do Papilomavírus Humano. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v.13, n.3, p.1-9, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e6718.2021> .Acesso em: 25 set. 2023.

BRUNI, L. *et al.* ICO/IARC Information Centre on HPV and Cancer (HPV Information Centre). **Human Papillomavirus and Related Diseases in the World**. 2023. Disponível em: <https://hpcvcentre.net/statistics/reports/XWX.pdf> . Acesso em: 05 out 2023.

BRUNI, L. *et al.* HPV vaccination introduction worldwide and WHO and UNICEF estimates of national HPV immunization coverage 2010–2019. **Preventive Medicine**, v. 144, p. 106399, 2021. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0091743520304308?via%3Dihub> Acesso em: 9 mai. 2023.

FERNANDES, L. A; KOPTCKE, L.S. Análise da ação de saúde ocular do Programa Saúde na Escola no Brasil de 2014 a 2019: um estudo transversal. **Epidemiol. Serv. Saude**, v.30, n.2, e2020339, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ress/a/TwrqbTmqBQDKQ4Kg8VrZbMR/> .Acesso em: 27 nov. 2023.

FERREIRA, D. da. S. *et al.* Conhecimento, atitude e prática de enfermeiros na detecção do câncer de mama. **Escola Anna Nery**, v. 24, n.2, e20190054, 2020a. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ean/a/fcH45Y8Q8HPfLqWFKKCmbMr/?format=pdf&lang=en>

.Acesso em: 9 mai. 2023.

FERREIRA, H.L.O.C. *et al.* Fatores associados ao conhecimento, atitude e prática de escolares sobre a vacinação contra o Papilomavírus Humano. **Rev. Rene**, v.23, p. e78179,

2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15253/2175-6783.20222378179> .Acesso em 26 abr. 2023.

FERREIRA, H.L.O.C. *et al.* Conhecimento e atitude de adolescentes sobre a vacinação contra HPV. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 9, n. 10, e6219109045, 2020b. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i10.9045> .Acesso em: 25 set. 2023.

FIGUEIREDO, A. de. *et al.* *Mapping global trends in vaccine confidence and investigating barriers to vaccine uptake: a large-scale retrospective temporal modelling study.* **Lancet**, v. 396, n.10255, p.898-908, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32919524/> .Acesso em: 02 nov 2023.

FRUGOLI, A. G. *et al.* Fake news sobre vacinas: uma análise sob o modeldos 3Cs da Organização Mundial da Saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 55, p.

e03736, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2020028303736> . Acesso em: 02 nov 2023.

GALVÃO, M. P. S. P; ARAÚJO, T. M. E. de; ROCHA, S. S. da. Conhecimentos, atitudes e práticas de adolescentes sobre o papilomavírus humano. **Rev. Saúde Pública**, v.56, n.12, p.1-9, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2022056003639> .Acesso em: 23 abr. 2023.

GENTIL, D. F; CORDEIRO, M. J. de. J. A. Programa Saúde na Escola: a vacinação contra o HPV na percepção de gestores escolares. **Interfaces da Educação**, v.11, n.33, p. 550-581, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26514/inter.v11i31.4194> .Acesso em: 27 nov. 2023.

GOMES, J. M. *et al.* *Human Papillomavirus (HPV) and the quadrivalent HPV Vaccine among Brazilian adolescents and parents: Factors associated with and divergences in knowledge and acceptance.* **PLoS UM**, v.15, n.11, e0241674, 2020. Disponível em:

<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0241674> .Acesso em 25 set. 2023.

GUIMARÃES, A. de. O. *et al.* Fatores associados à não adesão à vacina contra HPV entre estudantes de ciências da saúde. **Revista de Atenção à Saúde**, v. 19, n. 68, p. 337-349, 2021.

Disponível em: <https://doi.org/10.13037/ras.vol19n68.7603> .Acesso em: 25 set. 2023.

GRANDAHL, M. *et al.* 'I also want to be vaccinated!' - adolescent boys' awareness and thoughts, perceived benefits, information sources, and intention to be vaccinated against Human papillomavirus (HPV). *Human Vaccines & Immunotherapeutics*, v.15, n.7-8, p.1794–1802, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21645515.2018.1551670> .Acesso em: 16 mai. 2023.

HANSON, K.E. *et al.* Sociodemographic and clinical correlates of human papillomavirus vaccine attitudes and receipt among Wisconsin adolescents. *Papillomavirus Research*, v.8, p.100168, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.pvr.2019.05.001> .Acesso em 9 mai. 2023.

HERMAN, R.*et al.* Vaccination perspectives among adolescents and their desired role in the decision-making process. *Human Vaccines & Immunotherapeutics*, v.15, n.7-8, p.1752-1759, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21645515.2019.1571891>. Acesso em: 11 mai. 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. FATORES DE RISCO. **Informações sobre os fatores de risco para Câncer do Colo do Útero**. Rio de Janeiro: INCA, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/controlado-cancer-do-colo-do-uterio/fatores-de-risco> . Acesso em: 05 out 2023.

LEFEVRE, H. *et al.* HPV vaccination and sexual health in France: Empowering girls to decide. *Vaccine*, v.37, n.13, p.1792-1798, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0264410X19302154?via%3Dihub> .Acesso em: 11 mai. 2023.

MENDES, K. D. S; SILVEIRA, R. C. de C. P; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto-enfermagem**, v. 17, p.758-764, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018> .Acesso em: 31 mar. 2023.

MOHER, D. *et al.* Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: the PRISMA Statement. *PLoS Medicine*, v.6, n.7, p.e1000097, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmj.b2535> .Acesso em: 31 mar. 2023.

MELO, P. S. A. *et al.* Validation of the knowledge, attitude and practice survey on nursing assistance during delivery and childbirth. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 30, e20200420, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0420> . Acesso em: 9 mai. 2023.

MOURA, L. DE. L; CODEÇO, C. T; LUZ, P.M. Cobertura da vacina papilomavírus humano (HPV) no Brasil: heterogeneidade espacial e entre coortes etárias. **Rev. bras. Epidemiol**, v.24, e.210001, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720210001> Acesso em: 23 abr. 2023.

OLIVEIRA, M. L. de. *et al.* Conhecimento, atitude e prática: conceitos e desafios na área de educação e saúde. **Revista Educação em Saúde**, v.8, n.1, p.190-198, 2020a. Disponível em: <https://doi.org/10.29237/2358-9868.2020v8i1.p190-198> .Acesso em: 22 abr. 2023.

OLIVEIRA, M.S.F.de. *et al.* Knowledge and acceptability of HPV vaccine among HPV-vaccinated and unvaccinated adolescents at Western Amazon. **Rev. Assoc. Med. Bras**, v.66, n.8, p.1062-1069, 2020b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9282.66.8.1062> .Acesso em: 3 mai. 2023.

OLIVEIRA, G. R. de. *et al.* Fatores de risco e prevalência da infecção pelo HPV em pacientes de Unidades Básicas de Saúde e de um Hospital Universitário do Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 35, n. 5, p. 226–232, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgo/a/v3FYTbHQzzQL6YGWHV9m6VM/> . Acesso em: 08 out 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **A cada dia, há 1 milhão de novos casos de infecções sexualmente transmissíveis curáveis**, 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/6-6-2019-cada-dia-ha-1-milhao-novos-casos-infecoes-sexualmente-transmissiveis-curaveis> . Acesso em: 02 out. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Diagnóstico laboratorial de doenças sexualmente transmissíveis, incluindo o vírus da imunodeficiência humana**. Ministério da Saúde, 2013. 255 p. Disponível em: https://bvsm.sau.de.gov.br/bvs/publicacoes/diagnostico_laboratorial_doencas_sexualmente_transmissiveis.pdf .Acesso em: 8 out. 2023.

PAGE, M. J. *et al.* A declaração PRISMA 2020: diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 31, n. 2, p.e2022107, 2022. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742022000201700&lng=pt&nrm=iso.Acesso em: 22 abr. 2023.

INSTITUTO BUTANTAN. **HPV pode causar 6 tipos de câncer; vacina é a forma mais segura e eficaz de proteção**. Instituto Butantan, 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/hpv-pode-causar-6-tipos-de-cancer--vacina-e-a-forma-mais-segura-e-eficaz-de-protecao> . Acesso em: 9 out. 2023.

SANTOS, A.C. da.S. *et al.* Knowledge about cervical cancer and HPV immunization dropout rate among Brazilian adolescent girls and their guardians. **BMC Public Health**, v.20, n.301, p.1-11, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-020-8410-9> .Acesso em 4 mai. 2023.

SANTOS, C.A. dos. *et al.* Internet e HPV: Uma possibilidade para educação em saúde entre adolescentes?. **Adolesc. Saude**, v. 16, n. 1, p. 46-59, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/332059034> Internet e HPV Uma possibilidade para educacao em saude entre adolescentes Internet and HPV A possibility for health education among adolescents .Acesso em: 25 set. 2023.

SANTOS, V. O. da. S; ROCHA, C. E. da. Conhecimentos e atitudes sobre HPV e vacinação como panorama de uma unidade básica de saúde. **Revista Interdisciplinar de Pesquisa e Inovação**, v.10, n.1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revipi/article/view/16113> .Acesso em: 25 set. 2023.

SERVIÇOS E INFORMAÇÕES DO BRASIL. **Saúde ampliam vacinação contra meningite e HPV; entenda o que muda**. Serviços e Informações do Brasil, 2022c. Disponível em:

<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2022/09/saude-amplia-vacinacao-contra-meningite-e-hpv-entenda-o-que-muda> .Acesso em: 9 out. 2023.

SILVA, P. L.N. da. *et al.* Sentimentos de pré-adolescentes e adolescentes quanto à vacinação contra o papilomavirus humano. **Nursing**, v.24, n. 273, p. 5299–5310, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36489/nursing.2021v24i273p5299-5310> .Acesso em 26 abr. 2023.

SOARES, J.M.J. *et al.* *Adolescents' knowledge of HPV and sexually transmitted infections at public high schools in São Paulo: A cross-sectional study.* **Clinics**, v.77, p.e100138, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.clinsp.2022.100138> .Acesso em: 23 abr. 2023.

TANAKA, E.Z. *et al.* Knowledge of Pregnant Adolescents about Human Papillomavirus. **Rev Bras Ginecol Obstet**, v.41, n.5, p.291-297, 2019. Disponível em: <https://www.thieme-connect.com/products/ejournals/abstract/10.1055/s-0039-1688708> .Acesso em: 8 mai. 2023.

UNIVERSIDADE ABERTA DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (UNA-SUS). **Queda da cobertura vacinal contra o HPV representa risco de aumento de casos de cânceres evitáveis no Brasil.** Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/vacinacao-ea-medida-mais-eficaz-para-prevenir-a-infeccao-em-criancas-adolescentes-e-pessoas-com-baixa-imunidade> .Acesso em: 6 out. 2023.

URSI, E. S., GALVÃO, C. M. Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.14, n.1, p.124-131, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692006000100017> .Acesso em: 31 mar. 2023.

WONG, L.P. *et al.* *Are Boys Ready for Human Papillomavirus Vaccine? A National Study of Boys in Malaysia.* **Sexually Transmitted Diseases**, v.46, n.9, p.617-624, 2019. Disponível em: https://journals.lww.com/stdjournal/Fulltext/2019/09000/Are_Boys_Ready_for_Human_Papillomavirus_Vaccine_A.9.aspx .Acesso em: 6 mai. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **How do vaccines work?**. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/feature-stories/detail/how-do-vaccines-work?adgroupsurvey=> Acesso em: 9 out. 2023.

ZHANG, X. *et al.* *HPV vaccine acceptability and willingness-related factors among Chinese adolescents: a nation-wide study.* **Human Vaccines & Immunotherapeutic**, v17, n.4, p.1025-1032, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21645515.2020.1812314> .Acesso em 2 mai. 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Criador de todas as coisas, por toda graça e misericórdia derramada em minha vida. Ao teu nome eu clamei nos dias de angústia, medo e ansiedade, e o Senhor com mão forte, devolveu a coragem e força que eu tanto precisava para prosseguir nessa jornada. De fato, nada seria possível sem a tua santa presença em minha vida.

À minha querida avó por sempre acreditar em meus sonhos e fazer de tudo para que eles se realizassem. A senhora sempre foi minha melhor amiga e eu a amo com todas as minhas forças e espero honrar todo seu esforço, trabalho duro e dedicação.

A Luiz Pereira da Silva, cuja vida foi um presente para mim e para muitos. Jamais esquecerei de todos os conselhos, palavras de carinho e o amor de pai que o senhor tinha por mim. Infelizmente, você não se faz mais presente em vida para presenciar o sonho de ver sua netinha formada, mas essa vitória é nossa voinho. O senhor foi o motivo de eu querer entrar para a área da saúde e prometo prestar aos meus pacientes os cuidados que não consegui te dar. Te amo eternamente.

A Maria José, mulher guerreira e mãe solo. A pessoa que mais me ensinou sobre coragem e trabalho duro. Obrigada por nunca me deixar desistir em meio às dificuldades da vida. A senhora teve que sacrificar muitas coisas para não deixar que nada faltasse dentro de casa e eu pudesse estudar. Serei eternamente grata por isso.

À minha tia, segunda mãe e amiga, Maria Silva. Obrigada pelas lições de vida e por todo o apoio dado durante os dias mais complicados e por ao mesmo tempo, celebrar comigo minhas vitórias e momentos felizes. A senhora é um exemplo de mãe e pessoa altruísta e para sempre será minha tia favorita.

Pedro Paulo, obrigada por sempre me incentivar a correr atrás dos meus sonhos. Você sempre tem uma palavra de conforto e a capacidade de iluminar os dias cinzentos da minha vida. Ficar ao seu lado me fez amadurecer.

Aos amigos que fiz durante esses anos de graduação. Obrigada por toda ajuda, paciência e companheirismo. Vocês deixaram essa fase da minha vida mais satisfatória e guardarei com imenso carinho cada momento compartilhado com cada um de vocês.

À minha querida orientadora, Lara Lira. Não tenho palavras para agradecer tudo o que a senhora fez por mim esse ano. Você é um exemplo de docente e transparece amor em tudo que faz. Sempre muito paciente e prestativa para ajudar na construção do meu trabalho de conclusão de curso. Obrigada por compartilhar seus conhecimentos comigo e me ajudar nesse ciclo tão importante da minha vida.

À UEPB e a todos os professores que fizeram parte do meu processo de formação. Vocês foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Guardarei com muito carinho todos os ensinamentos e momentos vivenciados durante a graduação. Obrigada, por além de tudo me ensinarem a importância de ser uma profissional empática e por despertarem em mim a vontade de ser uma futura docente. Meus agradecimentos se estendem a todos os profissionais da instituição e a todos os profissionais da saúde que tive o privilégio de trabalhar durante os estágios. Cada um contribuiu no meu processo de formação.

Para concluir, quero agradecer a cada paciente que tive o privilégio de prestar assistência durante a graduação. Cuidar de vocês só testifica que estou vivendo o propósito de Deus. Jamais esquecerei de cada um de vocês e da forma peculiar que cada um tocou minha vida.

Sentirei saudades de todos e tudo que vivi nesses anos, mas a vida é feita de ciclos e esse precisa se fechar para que um novo inicie.